

**CENTRO UNIVERSITÁRIO ACADEMIA
EVERTON ESMÉRIO SOUZA FERNANDES**

**OS CONCEITOS DE FELICIDADE E VIRTUDE
NA FILOSOFIA DE ARISTÓTELES**

Juiz de Fora
2021

EVERTON ESMÉRIO SOUZA FERNANDES

**OS CONCEITOS DE FELICIDADE E VIRTUDE
NA FILOSOFIA DE ARISTÓTELES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado junto ao Curso de Filosofia do Centro Universitário Academia, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Filosofia.

Orientadora: Prof.^a Me. Regina Lúcia Praxedes de Meirelles.

Juiz de Fora
2021

FERNANDES, Everton Souza Esmério.
**OS CONCEITOS DE FELICIDADE E
VIRTUDE NA FILOSOFIA DE
ARISTÓTELES.** Trabalho de Conclusão
de Curso apresentado como requisito
parcial à conclusão do curso de
Licenciatura em Filosofia, do Centro
Universitário Academia, realizado no 2º
semestre de 2021.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Me. Regina Lúcia Praxedes de Meirelles (UniAcademia)
Orientadora

Prof. Me. Laureandro Lima da Silva (UniAcademia)

Prof.^a Dra. Mabel Salgado Pereira (UniAcademia)

Examinado em: 29/11/2021.

Dedico este trabalho a Deus, por me dar saúde e força para superar os desafios e dificuldades, a minha família na pessoa dos meus pais e irmãos que sempre me incentivaram aos estudos.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo amor e misericórdia em minha vida por ser meu auxílio em minhas dificuldades, dando-me força e coragem nos estudos para realizar meus sonhos e projetos de vida.

A minha família na pessoa dos meus pais que sempre me incentivaram nos estudos para que me tornasse uma pessoa melhor, a vocês minha eterna gratidão.

Aos meus irmãos pelo incentivo, orações e apoio durante todo esse período. Vocês fazem parte da minha caminhada, meu muito obrigado.

Aos meus amigos e aos irmãos seminaristas que muito contribuíram para o meu crescimento, me incentivando na caminhada. Agradeço a vocês as orações e a presença fraterna de cada um.

À coordenadora e orientadora Prof.ª Me. Regina Lúcia Praxedes de Meirelles, pela dedicação e atenção na elaboração e orientação deste trabalho de conclusão de curso.

Ao corpo docente do curso de filosofia, que ao longo desses anos me transmitiram ensinamentos e contribuíram para a elaboração deste trabalho de conclusão de curso.

Ao Centro Universitário Academia, pelo compromisso em oferecer uma educação de qualidade.

Ao Seminário Arquidiocesano Santo Antônio, na pessoa do Monsenhor Luiz Carlos reitor dessa casa de formação e aos padres formadores, que contribuíram para minha formação humana e acadêmica.

Ao Excelentíssimo Reverendíssimo Dom Gil Antônio Moreira, Arcebispo Metropolitano de Juiz de Fora, por confiar a mim os estudos ao senhor minha profunda gratidão.

A virtude consiste em saber encontrar o
meio-termo entre dois extremos.
Aristóteles

RESUMO

FERNANDES, Everton Souza Esmério. **OS CONCEITOS DE FELICIDADE E VIRTUDE NA FILOSOFIA DE ARISTÓTELES**. 46 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Filosofia). Centro Universitário Academia, Juiz de Fora, 2021.

A proposta deste trabalho de conclusão de curso é pensar como a obra **Ética a Nicômaco**, do pensador grego Aristóteles (384 – 322 a. C) possibilita uma compreensão inovadora dos conceitos de felicidade e virtude, caminhos defendidos pelo filósofo para o bem viver. Aristóteles defende que o fim último do homem é viver bem, sendo importante alcançar a felicidade; portanto, não há quem não a possa querer. Para o desenvolvimento desta pesquisa, foram utilizados, além da obra de referência acima citada, autores que tratam da História da Filosofia, comentadores da filosofia aristotélica, além de artigos, dissertações e teses sobre o tema tratado. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica qualitativa de cunho etnográfico e os resultados foram divididos em três seções, o que permitiu apresentar o raciocínio e os argumentos do filósofo, em um encadeamento de ideias logicamente organizadas. A conclusão é a de que o homem vive em busca de atingir metas, realizar desejos. Contudo, pensar a felicidade do ponto de vista ético, considerando-a como o melhor dos bens não é apenas uma realização, mas é uma ação de acordo com a Aretê ética, uma vida virtuosa. O que há nesta vida capaz de fazer o homem realmente feliz, mas que nem todos conseguem realizar? Sobre isto, Aristóteles responde que o caminho é levar uma vida boa e feliz, através da prática das virtudes, agindo corretamente.

Palavras-chave: Felicidade. Virtude. Ética. Razão. Aristóteles.

ABSTRACT

The purpose of this course conclusion work is to think about how the work *Ethics to Nicomaches*, by the Greek thinker Aristotle (384 – 322 BC) enables an innovative understanding of the concepts of happiness and virtue, paths defended by the philosopher for the good life. Aristotle defends that the ultimate goal of man is to live well, being important to achieve happiness; therefore, there is no one who cannot want it. For the development of this research, in addition to the reference work mentioned above, authors dealing with the History of Philosophy, commentators on Aristotelian philosophy, as well as articles, dissertations and theses on the subject were used. The methodology used was a qualitative bibliographic research of ethnographic nature and the results were divided into three sections, which allowed the presentation of the philosopher's reasoning and arguments, in a chain of logically organized ideas. The conclusion is that man lives in search of achieving goals, fulfilling desires. However, thinking about happiness from an ethical point of view, considering it as the best of goods, is not just an achievement, but it is an action in accordance with the ethical Aretê, a virtuous life. What is there in this life that can make a man really happy, but that not everyone can accomplish? About this, Aristotle answers that the way is to lead a good and happy life, through the practice of virtues, acting correctly

Key-words: Happiness. Virtue. Ethic. Reason. Aristotle.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	09
2	CONTEXTO HISTÓRICO-SOCIAL DA CIDADE-ESTADO NA GRÉCIA ANTIGA	12
2.1	ÉTICA E POLÍTICA	15
2.2	A FELICIDADE PARA ARISTÓTELES. COMO COMPREENDÊ-LA?	20
3	PENSAMENTO DE ARISTÓTELES, SEU PERCURSO FILOSÓFICO, SUAS INFLUÊNCIAS E ATUAÇÕES POLÍTICO-FILOSÓFICAS	22
3.1	PERCURSO FILOSÓFICO	28
3.2	INFLUÊNCIAS E ATUAÇÕES POLÍTICO-FILOSÓFICAS	30
4	O MÉTODO ÉTICO E A REALIZAÇÃO DA VIRTUDE	34
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
	REFERÊNCIAS	46

1 INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é desenvolver uma perspectiva sobre a filosofia de Aristóteles acerca das ações humana, do correto e do bem viver. Aristóteles nasceu em *Estagira* por volta do ano 384 a. C. Em suas obras Aristóteles pensou nas questões políticas e sociais de sua época, e também dedicou-se aos problemas éticos e morais da sociedade. No livro **Ética a Nicômaco**, Aristóteles pensou profundamente sobre a felicidade humana e o bem viver. Para ele a felicidade perfeita é o bem mais precioso que o ser humano pode adquirir e conservar. Segundo o filósofo, as ações realizadas pelo homem aspiram a um bem, a felicidade é o melhor deles e o seu alcance se dá como resultado de nossas ações. Portanto, a felicidade e o bem viver, visando o aprimoramento do homem, não podem ser alcançados de uma só vez, exigem um esforço no exercício da virtude.

Olhando para estas questões éticas, de que forma podemos compreender que a felicidade é consequência de uma ação virtuosa? De acordo com o próprio Aristóteles a felicidade não está ligada aos prazeres da vida, mas sim a atividade prática da razão (WOLF, 2013). A capacidade de pensar do ser humano, de tomar decisões é o que há de melhor nele, portanto, o pensar do ser é a sua maior virtude, nisso reside a sua felicidade.

Aristóteles argumenta que a felicidade só pode ser alcançada por meio da atividade da virtude, por uma excelência da alma. A virtude é adquirida por meio do aperfeiçoamento da moral, pelo hábito. Esta surge a partir de cada ação humana, na prática da atividade da justiça. O conceito de meio termo, que não é a falta e nem o excesso, mas a justa medida auxilia na compreensão da virtude como excelência da moral.

O propósito da vida do homem é ser feliz. Cabe a ele construir sua felicidade no exercício da eudaimonia¹, o melhor e mais perfeito dos bens. Atos justos enaltecem o homem e ele se torna grande e sábio no meio social em que vive.

O objetivo desse trabalho é analisar os conceitos de felicidade e de virtude, de acordo com o pensamento do filósofo Aristóteles, presente no livro **Ética a**

¹ “Eudaimonismo (do grego eudaimonia “felicidade”, “realização”), a doutrina ética de acordo com a qual a felicidade é a justificação fundamental da moralidade. Os filósofos gregos antigos caracteristicamente começam seus tratados de ética com uma descrição da felicidade, para depois afirmar que a melhor maneira de alcançar uma vida feliz é justamente mediante a cultivação e o exercício da virtude” (AUDI, 2006, p. 308, grifo do autor).

Nicômaco (2013), com o intuito de demonstrar como o homem pode viver bem, tendo como fim último à vida feliz.

Assim, para desenvolver tal objetivo, faz-se necessária a pesquisa dos seguintes objetivos específicos, como se segue. Descrever/apresentar o contexto histórico-social da cidade estado grego, sua constituição social, seus valores e práticas de convívio, sua organização política e a importância do pensamento filosófico para a educação integral do cidadão ateniense. Em seguida, apresentar o pensamento de Aristóteles, seu percurso filosófico, suas influências e atuações político filosóficas. Por fim, tratar especificamente a obra acima citada, principal referencial teórico deste trabalho de conclusão e, exaltando com aprofundamentos conceitos de virtude e felicidade.

O que há nesta vida capaz de fazer o homem realmente feliz, mas que nem todos alcançam? Sobre isto, na ética de Aristóteles fica evidente que o caminho passa pela prática da virtude. Portanto, o que é a virtude? É o que esta pesquisa se propõe a responder.

Para a elaboração do trabalho de conclusão de curso foram utilizadas as seguintes obras, **A Ética a Nicômaco de Aristóteles (2013)** obra principal para o desenvolvimento desta pesquisa. Esta obra é composta por dez capítulos sobre a ética, tratando de assuntos como felicidade, bem e virtude.

Para a contextualização histórica e aprofundamento da pesquisa foi utilizada a obra **História da Filosofia** de Giovanni Reale e Dario Antiseri (1990).

Além disso, foi utilizado artigos especializados que trabalham assuntos relacionados ao pensamento ético de Aristóteles. Além dessas foram utilizadas outras obras para o melhor aprofundamento da pesquisa. A revista, **Acerca da felicidade no livro I da Ética a Nicômaco (2016)** de José Francisco Adelino. O livro **A Divina comédia** de Dante Alighieri (1984). A vida e obra de Aristóteles no livro **Coleção os pensadores (1996)**. Por fim os artigos que ajudaram da composição desse trabalho, **A Ética a Nicômaco de Aristóteles (2003)** comentada por Martin Claret e o artigo sobre a **Introdução a ética filosófica (2006)** de Henrique Cláudio Lima Vaz.

O **Dicionário de Filosofia (2006)**, de Robert Audi foi utilizado para esclarecimento de conceitos filosóficos.

O homem é um ser que vive cercado de situações em que ele deve tomar uma decisão. O pensamento de Aristóteles acerca da ética traz um novo modo de

pensar e agir para alcançar a felicidade, fim maior de toda ação humana. Entretanto, para atingir esse fim, é necessário um exercício por meio da virtude.

A ideia proposta por Aristóteles se faz presente nos questionamentos do homem ao longo dos tempos, passando de geração em geração. Afinal, este estuda, trabalha, forma uma família e todas essas ações têm por objetivo uma única finalidade, a realização de seus desejos, a felicidade. Só que para este pensador, o homem não pode pecar nem pelo excesso, nem pela falta. Portanto, a justa medida é o caminho correto para a concretização de uma vida plena e feliz.

A metodologia utilizada é a pesquisa de cunho bibliográfico e qualitativo, sendo o texto escrito de forma narrativa a partir de leitura analítica e de interpretação de textos e obras de referência.

No primeiro capítulo vou apresentar o contexto histórico social da cidade estado-grego e sua construção social e seus valores e práticas de convívio, e trabalhar o contexto do pensamento filosófico para a educação integral do cidadão ateniense.

2 CONTEXTO HISTÓRICO-SOCIAL DA CIDADE-ESTADO NA GRÉCIA ANTIGA

Aristóteles é considerado a mente mais universal dos gregos. Segundo Dante Alighieri² (1265-1321) no livro a divina comédia “Aristóteles é considerado o mestre daqueles que sabem” (DANTE, 1984, p. 30). O filósofo nasceu na região da *Estagira* em 384/383 a. C, localizada na fronteira com a Macedônia. Filho de médico chamado *Nicômaco*, Aristóteles com sua família viveu durante um tempo no reinado do Rei Amintas. Após ter ficado órfão com seus dezoito anos, viajou para Atenas e ingressou na academia platônica para iniciar seus estudos.

Aristóteles é atraído pelo modelo de vida cultural ateniense, como uma boa oportunidade de aprimorar seus estudos. Na escola de Platão (428 a.C - 347 a.C), Aristóteles amadurece suas ideias e sua vocação filosófica, nela permanecendo durante vinte anos. Lá o jovem conheceu e conviveu com os melhores cientistas da época, principalmente com *Eudóxio*, um dos mais influentes da academia. Durante esse período de estudos, Aristóteles conviveu em uma época em que duas grandiosas instituições “[...] disputavam em Atenas a preferência dos jovens que, através de estudos superiores, pretendiam se preparar para exercer com êxito suas prerrogativas de cidadãos e ascender na vida pública” (ARISTÓTELES, 1996, p. 5). Uma delas é a teoria defendida por *Isócrates*, que desenvolve no educando a **aretê política**, ou seja, esta linha de pensamento tinha a preocupação com a formação da virtude do jovem e a capacidade deste de lidar com assuntos relacionados à *Pólis* (ARISTÓTELES, 1996).

Aristóteles absorveu muitos ensinamentos de Platão, assimilando suas principais teorias, defendendo alguns escritos, e se submetendo a críticas dando a estas um novo direcionamento. Após a morte de Platão em 347 a.C. Aristóteles dá um novo e importante passo em sua vida, já não se sentindo bem na academia que agora sob a direção de *Epêusipo*, que defende outra corrente diferente de Aristóteles, este decide deixar Atenas, para se juntar ao seu companheiro *Xenócrates* já pensando em fundar uma escola com os platônicos Erasto e Corisco.

² Dante Alighieri, nascido na Itália por volta do ano de 1265 d.C e morreu em Setembro de 1321 d.C. Grande escritor e poeta, escreveu muitos tratados de valor histórico de diversos caráter, dentre estes cito a obra **a Divina Comédia**, está retrata uma viagem em sonho através do inferno, do purgatório e do paraíso, nesta o autor faz uma Síntese sobre religião, ciência e filosofia (ALIGHIERI, 1958).

Aristóteles parte para Axo, onde permanece um período de três anos, lá ministrou cursos de disciplinas propriamente da filosofia.

Após essa fase de estudos e dedicando sua vida ao ensino da filosofia em Axo e também em Mitilene, Aristóteles se dirige a Macedônia. Em 343/342 a.C. Felipe da Macedônia encarrega Aristóteles para ser preceptor de seu filho, Alexandre, que virá a ser um dos personagens mais influentes da história grega. Aristóteles é responsável pela sua educação, formação política e social preparando-o para futuramente assumir o trono, lá o filósofo permanece até este acontecimento, que ocorre em 336 a.C. com a morte de Felipe. Após esta fase de formação e preparação para o futuro rei da Macedônia, Aristóteles retorna para Atenas, onde inaugura uma escola dedicado a Apolo Liceano, que provém o nome **Liceu**. Sendo assim, lemos que:

[...] Aristóteles ministrava seus ensinamentos passeando pelas veredas do jardim anexo aos prédios, a escola também foi chamada de “Perípatos” (do grego perípatos, “passeio”) e seus seguidores denominados “peripatéticos”. Assim, o Perípatos se contrapôs à Academia, inclusive eclipsando-a inteiramente por um certo período de tempo. Foram esses anos mais fecundos na produção de Aristóteles, o período que viu o acabamento e a grande sistematização dos tratados filosóficos e científicos que chegaram até nós (REALE; ANTISERI, 1990, p. 174, grifo dos autores).

Diferente da academia, o Liceu dedicou-se aos estudos das ciências naturais, Alexandre seu antigo preceptor foi um grande colaborador da escola, enviando exemplares relacionados a ciências naturais. Uma das marcas centrais da visão científica e filosófica de Aristóteles foi o biologismo. Apesar da grande colaboração de Alexandre, existia uma barreira que os distanciava, pois Aristóteles não concordava com a fusão da civilização grega e ocidental, pois ambos eram de naturezas distintas com potencial diferentes e não poderiam viver sob o mesmo regime político. “Estabelece uma nítida distinção entre as populações “bárbaras” e a polis grega, somente está sendo uma comunidade perfeita, pois a única a permitir ao homem uma vida verdadeiramente boa segundo os princípios morais e a justiça” (ARISTÓTELES, 1996, p. 8, grifo do autor).

Os escritos de Aristóteles, chamados *Corpus Aristotelicum* muito contribuiu para a formação do estado ateniense e para as escolas onde estudou e frequentou, dividido assim em dois grandes grupos. O primeiro os exotéricos, estes compostos de forma dialógica destinados para um determinado grupo que está fora da escola,

estes escritos eram diálogos imitados aos de Platão, no qual restaram apenas alguns fragmentos. Já os escritos esotéricos, constitui da mesma essência, mas este é destinado ao público interno da escola. Ambas as obras foram escritas no tempo em que Platão, escritos como o *Eudemo* se compara com o Fédon de Platão, pois estes tratavam da imortalidade da alma. Muitos escritos se perderam completamente restaram poucos fragmentos, o primeiro escrito exotérico foi sobre a retórica, que defendia a posição de Platão com Isócrates. Aristóteles escreveu também títulos acerca das ideias e acerca do bem. A Filosofia aristotélica contribuiu muito para a Filosofia prática, principalmente na área da ética e da política, sendo a obra principal: **A Ética a Nicômaco**. Aristóteles se dedicou também a *Ética a Eudemo*, esta considerada uma obra mais antiga relacionada aos assuntos sobre a ética. E outra obra que teve a marca de Aristóteles foi a grande moral, conhecida como a **Magna Moralia**.

As obras escritas por Aristóteles eram lidas de modo sistemático unitário, um modelo que passou a ser contestado e julgado como anti-histórico, desta forma esse modelo teve de ser substituído pelo método histórico genérico. Isso tudo porque na história, Aristóteles busca certa **desconversão** do platonismo e da metafísica adotando um método de conversão ao naturalismo e ao empirismo, essa mudança acontece muito por conta da comparação que podemos fazer em relação às obras **exotéricas** criada no período em que Aristóteles ainda estava na Academia e as **esotéricas** que foram constituídas no período em que Aristóteles ministrava em sua própria escola. Este método após um período de sucesso alcançou-se um bom nível de conhecimento pois foram muitas as tentativas de reconstrução das obras exotéricas. Os escritos de Aristóteles buscam solucionar diversos problemas que aparentemente ele próprio buscava soluções definitivas, muitas dessas soluções eram analisadas e criticadas por outros pensadores e a partir dessas críticas, Aristóteles formulava suas próprias concepções.

O modelo sistemático seguido por Aristóteles no qual ele se revestiu desde a antiguidade, contribuiu muito para que o filósofo passasse a ter o reconhecimento como a grande autoridade em matérias filosóficas e científicas, com isso foi conferido a Aristóteles o título de primeiro historiador da Filosofia. Com isso se dá o surgimento da História da Filosofia, que está vinculado ao aristotelismo.

O aristotelismo faz uma investigação da História da Filosofia, isto é, busca **aristotelizar** a história de cada cultura, o próprio Aristóteles faz história a partir de

levantamentos e de problemas sobre as questões que surgiam na sociedade de diferentes épocas. Aristóteles sabia muito bem que seus ideais não representam renovações absolutas e nem certa originalidade, a ideia do filósofo é que a sua Filosofia fosse uma ética baseada no ideal de retorno a natureza do homem.

Para se compreender o pensamento de Aristóteles principalmente no que diz respeito ao contexto histórico-social da cidade-estado grego, é preciso compreender primeiro sua posição em relação a Platão. Muitos escritos da época colocavam nas entrelinhas um discurso que contrapunha os dois filósofos, fazendo deles símbolos opostos.

Segundo Diógenes Laércio, Aristóteles foi considerado um dos discípulos de Platão com maior autenticidade em suas ações. Este título cabe a Aristóteles não por repetir seu mestre, mas a partir das ideias de Platão, Aristóteles buscava superá-las. Entre esses dois grandes pensadores da Filosofia existem sim algumas diferenças, mas que não estão ligadas ao domínio da Filosofia, na verdade o que tem de diferente é os seus interesses, principalmente no que diz respeito aos seus escritos.

De acordo com o livro **Obras Esotéricas** Aristóteles deixou de lado o componente místico-religioso-escatológico que muito foi aderido por Platão, pois este tem suas raízes na religião órfica que está mais ligado no que diz respeito à fé e a crença do que o logos. Outra diferença presente na Filosofia destes dois grandes pensadores, Platão tinha um grande interesse pelas ciências matemáticas diferente de Aristóteles que se interessava por todas as ciências empíricas, pelos fenômenos empíricos que eram classificados por fenômenos puros. Uma última diferença a ser destacada é quanto à origem que deram seus escritos, Platão em seus discursos falava sempre de modo aberto, e no seu filosofar era uma busca sem descanso. Já para Aristóteles o seu oposto empírico leva a uma sistematização de várias aquisições, com isto o estagirita buscava uma distinção de seus temas e problemas segundo a sua natureza levando a uma diferenciação nos métodos para enfrentar e resolver os diversos tipos de questões.

2.1 ÉTICA E POLÍTICA

A Filosofia de Aristóteles é voltada para a ética e a política, pois seu pensamento está ligado às ações e comportamentos do ser humano. A política

aristotélica está unida a moral, pois Aristóteles se preocupava com o fim último do estado, que é a virtude, ou seja, ele tinha interesse pela a formação dos cidadãos da cidade-estado grego.

Aristóteles acredita que o estado é superior ao indivíduo, pois o filósofo se preocupava com as questões do estado em geral e não com as do indivíduo em particular, pois o bem comum é superior ao bem particular, portanto o estado deve se preocupar com as necessidades em geral, pois o homem é um ser social e político, e precisa do estado para suprir suas necessidades. Aristóteles foi um grande defensor deste sistema político que havia em Atenas, nos tratados sobre a ética, o estagirita afirmava que era necessária uma busca moderada das ações humanas buscando sempre a prudência, para que toda a sociedade levasse os cidadãos à felicidade. O pensador defende que a organização política das cidades deve ser baseada na ação ética individual e no exercício da democracia, esses são alguns fatores que levam os cidadãos a uma vida perfeita.

Enxergava-se nessa época uma grande preocupação com a constituição dos membros da sociedade, durante seus estudos Aristóteles preocupava com a formação humana, não é atoa que ele foi preceptor de Alexandre da Macedônia. Com o conteúdo de seus escritos, o estagirita passou a se dedicar com a composição da cidade. O filósofo passou a se preocupar com algumas questões que aconteciam na pólis, principalmente de assuntos relacionados à escravidão, família e riquezas. Nos escritos de Aristóteles sobre a política destaca-se um modo de vida classificado como **desvirtuadas**, pois uma parcela da sociedade visava apenas o seu próprio benefício, ou seja, se preocupava com o seu bem estar, para Aristóteles a sociedade tinha que olhar para as necessidades de todos, visando o bem comum para o seu próprio crescimento. Outro problema enfrentado pelo filósofo era sobre a quantidade de indivíduos que tomavam decisões relacionadas ao governo, Aristóteles se dedica a alguns componentes que sejam ideais para esta constituição.

Pensando no bom funcionamento do estado e a constituição da polis, Aristóteles vê a necessidade de pensar um meio para solucionar os problemas que há na sociedade, começando pelas famílias e seus membros. Existe, portanto, um ordenamento no conjunto familiar composto dos filhos, esposa, os bens que estes possuem os escravos e o chefe que era o encarregado da direção da família. Neste contexto a preocupação que ocorria nesta determinada época era de cuidar da educação dos filhos para que estes se tornassem bons líderes do estado e da pólis,

o chefe tinha que cuidar da promoção de seus bens visando sempre ter uma boa condição econômica. Aristóteles valoriza muito a figura do escravo na sociedade, pois esse tem a responsabilidade de executar o trabalho e a realização da mão de obra, para a realização destes exigem o esforço de indivíduos particulares devidamente preparados. Mas é necessário olhar para as necessidades do escravo, promovendo melhores condições de trabalho.

Aristóteles olhava o estado de forma particular, pois este surge pelo fato do homem ser um animal social e político. E dever do estado olhar para as necessidades humanas, satisfazendo suas necessidades materiais, promover segurança e além do mais é dever do estado garantir fim essencial e espiritual do homem, que este seja feliz.

Para uma boa constituição da sociedade, Aristóteles sugere o uso do estudo da lógica para o bom ordenamento do pensamento humano, para que o homem evite cair no erro. O filósofo se opunha à maneira do estado governar, preferindo a forma de **República Democrático-Intelectual**, esta forma classificada é utilizada na Grécia. Para uma boa constituição Aristóteles defende que o estado deve se preocupar com o bem comum e o homem deve utilizar da sua razão para bem conduzir os assuntos relacionados à pólis.

Observando o modo de vida das pessoas que constituíam a sociedade Aristóteles desenvolve o estudo da ética a partir de uma pergunta clássica, como convém viver? Nos seus estudos a uma grande influência das ciências práticas, que dizem respeito à conduta do homem, pensando nesse sentido podemos dizer que Aristóteles é o fundador da ética enquanto ciência prática, pois neste contexto o filósofo se preocupava com o comportamento e as ações humanas na sociedade. A ética neste contexto histórico parte de dois grandes modelos, a ética socrático-platônica e a ética aristotélica apesar de suas diferenças, ambas estão ligadas ao modelo de ciência pensado naquela época, graças ao tempo que Aristóteles viveu na academia e muito aprendeu com os problemas e investigações de seu mestre. Em Platão o valor do homem está no bem da sua alma, pois em o seu pensamento ético exige um cuidado com o interior do homem, um conhecimento de si mesmo. O pensamento ético platônico sempre retoma a questão socrática de como devemos viver. Seguindo as mesmas ideias com alguns pontos diferentes, a ética aristotélica tem como meta a política e assegurar o bem da pólis.

No contexto aristotélico a ética é empregada enquanto adjetivo que constitui três ramos da filosofia enquanto ciência, segundo Lima Vaz a ética diz respeito de como o homem habita no mundo, neste tempo a ética passou por um período de transição saindo da cultura arcaica para a cultura clássica grega. O estudo da ética é apresentado por Aristóteles como uma ação prática que diz respeito à conduta do homem na sociedade, então para o filósofo o homem tem a necessidade de saber em que consiste a ética para ser devidamente ético. Para toda ação humana este naturalmente tende a um fim (*telos*), isto quer dizer que o homem busca a realização de um bem específico, de acordo com seu comportamento devidamente ético. Segundo o filósofo o homem não nasce ético, mas busca de acordo com sua vivência e suas ações virtuosas sempre vivendo de forma equilibrada, evitando as faltas e os exageros.

A Filosofia aristotélica sobre a ética constitui uma visão sistemática e integrada do conhecimento. Para Aristóteles o conhecimento está dividido em três formas: o prático (*práxis*), produtivo (*poieses*) e o teórico. O conhecimento prático está ligado ao estudo da ética e da política, neste contexto o estudo da ética é considerado um saber prático que está ligado a três elementos fundamentais da Filosofia aristotélica, que diz respeito ao uso correto da razão, a boa conduta (*eupraxia*) e a felicidade (*eudaimonia*). Ética e política são dois elementos inseparáveis, pois a política é considerada uma ciência prática, isso não quer dizer que ambas são a mesma coisa, elas apresentam diferenciações, uma apresenta a dimensão social, coletiva. Já a outra é considerada um elemento particular e individual.

Aristóteles dá uma grande importância para a vontade racional do homem, esta que é guiada pela razão como elemento fundamental da ética. O filósofo considera estes conceitos como uma ação virtuosa e que são denominados como prudência e sabedoria prática. Aristóteles interpreta que a prudência é a ação do homem capaz de julgar e avaliar qual é a melhor ação e qual é a melhor atitude realizaram a finalidade ética dentre todas as escolhas possíveis e qual é a mais adequada para que o homem seja um ser virtuoso, e realize o que seja melhor para si e para a *pólis*.

Os escritos de Aristóteles sobre a ética muito contribuíram para a formação da sociedade de Atenas, principalmente no que se trata ao bem agir e o bom comportamento. O filósofo trata acerca da moral em três obras: na *Ética* a

Nicômaco, na *Ética Eudemo* e a Grande *Ética*. Destas obras citadas, a grande ética (*Magna Moralia*) não é considerada uma obra autêntica, pois esta foi escrita após a morte de Aristóteles, diferentes das obras *Ética Eudemo* que foi editada por um dos discípulos de Aristóteles, *Eudemo* de Rodes; e a *Ética a Nicômaco*, que foi publicada pelo próprio filho de Aristóteles. Para o filósofo, a ética é um documento histórico, mas que vai contribuir muito para os futuros debates, pois tem uma forte relação com o bem viver, o agir correto e o refletir racional que são temas debatidos na atualidade. Neste contexto em que Aristóteles viveu, a ética não é um tema fácil de ser compreendido, pois envolvia uma infinidade de temas, estes que falavam a respeito da felicidade, liberdade de ação, justiça, prazer e a amizade.

Muitas vezes a ética designa uma teoria da moral, uma Filosofia moral que trata de um conteúdo determinado no ponto de vista da pessoa ou da sociedade, neste ponto como já foi colocado à ética refere-se ao bem e a moral representa o que é devido às normas sociais, Aristóteles escreve a ética no sentido da doutrina do bem viver e do agir correto. A moral é tratada como se fosse uma parte da ética, pois na Filosofia antiga não havia uma separação de ética e moral, pois os pensadores não acreditavam que a moral fosse um âmbito separado da ética. Para Aristóteles e para os gregos do tempo arcaico o ideal a ser imitado é o do herói, pois este vive bem, é bravo e guerreiro. O filósofo condena quem vive de forma diferente, principalmente o tirano que é aquele que procura o poder e o prazer só para si, e este submete o poder do estado para o seu próprio benéfico, tanto Aristóteles quanto Platão critica este modelo de vida, pois o correto é respeitar o direito dos outros e ter igualdade diante do poder e do prazer.

Podemos destacar que as obras, pesquisas e estudos do filósofo vem trazer uma temática de vida pautada no agir correto, no bem viver e na ação justa de acordo com a moral neste contexto histórico. Aristóteles busca mostrar que uma sociedade bem constituída busca moldes nos valores éticos e no agir moral. No texto mostra-se que o filósofo, foi um legítimo herdeiro da tradição platônica, pois seguiu de perto os ensinamentos de seu mestre. Ele foi um importante filósofo para a Grécia antiga, pois seus estudos contribuíram para a formação do estado e muito influenciaram para o aprimoramento do pensamento filosófico da época.

2.2 A FELICIDADE PARA ARISTÓTELES. COMO COMPREENDÊ-LA?

Aristóteles expõe o conceito de felicidade em seu livro *Ética a Nicômaco*, texto este influente na História da Filosofia. Podemos dizer que esta obra é um dos textos mais antigos da História da Filosofia, mas que ainda contribui para o fundamento ético da sociedade atual, pois falar em ética refere-se ao modo de agir e compreender o pensamento humano. “Ética [...] pode ser lido na realidade como um documento histórico [...] assim como também pode contribuir para o debate atual [...]” (BARNES, 1982, p. 87, grifo do autor).

Em se tratando de um texto de ética, no qual o tema refere-se a um bem ou bem viver, o bem agir no sentido correspondente à moral e aos bons costumes da sociedade, Aristóteles o escreve pensando no bem-estar da sociedade no tempo corrente. O que vale para nós até os dias atuais, pois trata-se de uma doutrina do bem viver, mas isso na atual sociedade em que vivemos? Uma sociedade que preza as riquezas, o prazer, honrarias e o gozo das coisas materiais, coisas estas que passam, ou melhor dizendo, coisas que podemos desfrutar enquanto ainda estamos vivos. Assim, lemos que:

[...] Aristóteles discorre sobre o sentido dos bens para o homem, quais são esses bens e que vantagens eles trazem para a vida humana. Para se conseguir determinar o que é felicidade é preciso determinar qual é o fim da natureza humana e esta é uma angústia que vem sendo despertada no ser humano desde o princípio do seu pensar, afinal, para poder resolver essa angústia, faz-se necessário descobrir e definir esse “bem”, para o qual, antes de tudo, é feito o homem, o bem pelo qual o ente racional se realiza e que lhe é propriamente conveniente (MARTINS, 1994, p. 52).

A vida do ser humano, em suas ações, muitas vezes é voltada para o prazer, esta é a busca da grande multidão daqueles que não têm formação. Para Aristóteles, esses vivem como escravos do prazer, pois este nada mais é do que uma vantagem que a vida humana tem. Mas afinal, qual é o fim da natureza humana? Segundo Aristóteles, para tudo o que fazemos ou realizamos existe um fim; podemos citar aqui alguns exemplos, tais como a política, que tem como fim a honra, mas Aristóteles faz uma dura crítica a esse meio de vida, pois a honra está naquele que presta honra e não naquele que é honrado.

Para atingir um bem viver ou uma vida feliz, o homem não pode estar preso a uma vida repleta de honras, prazer e dinheiro, esses são apenas meios que nos

ajudam a ter uma vida boa e confortável, pois o bem que é a felicidade, não se alcança de uma só vez, é preciso o esforço de uma vida inteira no exercício da virtude. Todavia, dizer que tais bens são prejudiciais para nossa vida não seria correto, pois dinheiro e bens são necessários. É preciso buscar o que chamamos de meio termo para as coisas da vida, não devemos nos jogar em um abismo de prazer, mas também não conseguimos viver sem ele. No livro segundo *Ética a Nicômaco*, Aristóteles desenvolve a teoria da *aretê* ética como o meio termo para as coisas. Sendo assim, explica que:

[...] ele pode ser compreendido de duas maneiras: o meio termo da coisa e o meio termo relacionado a nós. O meio termo da coisa é o que resta igualmente a cada um dos extremos, que justamente é o único e o mesmo que parte de todos os casos, ou seja, é algo fixo. O meio-termo relativo a nós (e por isso justa medida) é o que não excede, nem falta, mas isso não é o único nem o mesmo para todos os casos. Há excessos, faltas e justa medida no que se refere às ações. O excesso erra, a falta é censurada, é louvada e acertada. E assim podemos dizer que acertar e ser louvado pertencem à virtude (PAIVA, 2012, p. 9).

Se estamos buscando o meio termo das coisas vale ressaltar que, “dentre todas a virtudes éticas, destaca-se a justiça, que é a “justa medida”, segundo a qual se distribuem os bens, as vantagens, os ganhos e seus contrários” (REALE; ANTISERI, 1990, p. 205, grifo dos autores). A razão deve se impor à justa medida, pois o excesso e a falta são próprios do vício, já a justa medida é própria da virtude. Esse tipo de virtude nos é adquirido através de atos sucessivos, isso está ligado ao nosso hábito no dia a dia, em nosso trabalho, nos estudos daquilo a que nos dedicamos a fazer, e quando isto ocorre de maneira correta nos causa alegria e felicidade.

Com efeito, é necessário formação, dedicação, e às vezes, de uma vida inteira para fazer algo; não basta fazer, é necessário fazer bem, com maestria, por exemplo: não basta a faca cortar, é preciso cortar bem. Quando realizamos esses atos, somos recompensados por eles, sejam com honras, bens materiais, atribuídos a riquezas, méritos, prêmios, entre outros. Isso nos causa prazer e felicidade, o que não é errado, pois se conquistamos é porque somos merecedores destes bens. O objetivo não é dar valor aos bens, ou às riquezas, não é ser prestigiado, mas alcançar a felicidade em nossa vida.

3 PENSAMENTO DE ARISTÓTELES, SEU PERCURSO FILOSÓFICO, SUAS INFLUÊNCIAS E ATUAÇÕES POLÍTICO-FILOSÓFICAS

Aristóteles nesse capítulo aborda a busca pela felicidade seu percurso filosófico e suas influências político-filosóficas, apresenta a atividade da alma como uma virtude. No livro *Ética a Nicômaco*, o filósofo levanta a seguinte questão, o bem para o homem deve ser supremo, que tem um fim em si mesmo, sendo este almejado por todos. De acordo com Aristóteles as virtudes levam a felicidade e os vícios ao erro, as imperfeições.

Para toda e qualquer ação do homem, esta tende a um fim que seja bom e universal, portanto, a felicidade. Pode-se dizer então que a felicidade é o bem supremo do homem, a felicidade perfeita ou o sumo bem é algo absoluto e autossuficiente na vida humana, para que uma ação seja boa e agradável ao homem é necessário que este seja virtuosa, segundo Aristóteles a felicidade deve ser uma ação conforme a virtude. No livro primeiro da ética a *Nicômaco*, o filósofo retrata o que é o melhor e mais perfeito bem para a vida do homem, para este alcançar seus objetivos é preciso que todas suas ações levem a este determinado fim, que é a felicidade, pois suas ações, atividades, escolhas visam um bem perfeito e universal. Mas para tal bem se realizar, o filósofo destaca em sua obra que é preciso o homem está inserido na *pólis*, é na cidade ou comunidade que este indivíduo vive, e lá realiza da melhor forma sua atividade em conformidade com a virtude.

Para falar de *Eudaimonia*, Aristóteles acentua um ponto muito importante que se encontra em *Ética a Eudemo*, “a *eudaimonia* é o que há de mais belo, de melhor e de mais agradável, perguntando em que consiste a *eudaimonia* e como pode ser alcançada” (WOLF, 2013, p. 20).

O texto começa referindo-se à *eudaimonia* como o melhor e mais perfeito dos bens, e a questão de como podemos alcançá-la pelo agir humano. Aristóteles destaca em ambos os livros *Ética a Eudemo* e *Ética a Nicômaco*, que a bondade de caráter se destaca como forma de *eudaimonia*. Há várias outras formas de vida que se destacam como *eudaimonia*, pois toda questão ética refere-se ao agir humano, principalmente o bem viver, Aristóteles coloca a felicidade como bem principal nesse contexto. Lemos que a:

Via de regra, admite-se(*dokei*) que toda *tekhne* (preparo para o agir) e toda investigação (*methodos*), assim como toda ação (*práxis*) e toda *proairesis* (decisão) aspiram a um bem (*agathon*). Por isso, é correto a expressão que diz que “o bem (*agathon*) é aquilo que tudo aspira” (WOLF, 2013, p.22, grifo do autor).

Sobre o melhor dos bens o filósofo afirma que é preciso que o homem realize práticas que conduzem sua vida a uma perfeita felicidade, a *tekhne* é semelhante a *práxis*, pois o preparo para o agir exige de nós um esforço na ação sempre em vista de um bem que seja bom e perfeito para o homem. Para toda e qualquer ação, o filósofo indica dois tipos de fim:

O *telos* (fim) pode ser, ele próprio, uma *energeia* (atividade, *activitas*, como no agir ético, mas também em atividades como tocar flauta) ou pode ser o *ergon* (obra, resultado, produto) de uma ação (no agir da *tekhne*, o fim é uma casa, por exemplo e em relação à construção esse representa o bem mais elevado e mais desejável) (WOLF, 2013, p. 23, grifo do autor).

Aristóteles emprega a palavra fim, que serve como indicação para quem está buscando um bem. Percebe-se que o bem está atribuído ao exercício de uma atividade, afirmando assim que o bem é o fim de toda aspiração. Tudo aspira a um bem não se segue necessariamente “há precisamente um único bem (o bom, o bem), a que tudo aspira” (WOLF, 2013, p. 23).

Para toda e qualquer ação, o homem deve exercer- lá com maestria, sempre buscando o mais perfeito dos bens, pois todas as coisas tendem a um fim, que seja bom, agradável e perfeito. No início do livro um da ética a *Nicômaco* Aristóteles trabalha com o conceito de bem (*agathon*), e ao longo de sua Filosofia ele desenvolve seu pensamento empregando o superlativo (*ariston*) que é a definição de melhor dos bens, o bem perfeito ou sumo bem. O estagirita entende que para o homem chegar ao melhor e mais perfeito dos bens se faz necessário que este busque desenvolver na política, pois esta instancia está ligada ao ordenamento da *pólis*. Aristóteles tem em mente que o homem não pode realizar tal bem apenas para si mesmo, mas é necessário que este realize de forma conjunta a sua comunidade.

Falar de felicidade nos dias atuais parece ser algo complexo, e para muitos, algo inatingível, pois não é algo simples, exige muita força de vontade, já que o sumo bem ou a *eudaimonia* é algo que deve ser buscado acima de qualquer coisa. Aristóteles entende que a felicidade seja algo completo e absoluto, e pode-se dizer que é a finalidade de toda ação, mas não basta apenas falar que a felicidade é um

fim nela mesmo, e sim, identificar qual é a função do homem e onde ele vai exercer a sua função para que este fim seja o bem e a perfeição de sua atividade. Vale lembrar também que a função do homem não deve ser algo que proporcione felicidade apenas para si, isto seria um pensamento egoísta, mas pensar que a sua função deve ser algo que faça bem para os seus semelhantes, que traga felicidade para os outros.

Sendo assim “o bem do homem vem a ser a atividade da alma em consonância com a virtude, e se há mais de uma virtude em consonância com a melhor e mais completa entre elas” (ARISTÓTELES, 2003, p. 27).

O homem tende a aspirar a algum tipo de bem, mas deve ter cautela para não aspirar a algo que seja um suposto bem, e que na verdade é algo que lhe faz mal; por exemplo, algo que nos dá uma felicidade momentânea, que nos dá prazer naquele exato momento, mas que depois acarretará algum tipo de prejuízo. Até aqui, Aristóteles emprega o conceito de bem, agora introduz o conceito de melhor, o mais perfeito, o sumo bem, e dessa forma, esses conceitos encaminham para um agir individual. O homem desenvolve suas ações dentro da *pólis* e ali buscar o melhor e o mais perfeito dos bens. Aqui, Aristóteles lança mão de qual é o melhor dos bens e para isso esses bens tendem a um fim no qual Aristóteles tem em mente o bem para o homem.

Aristóteles indica que, na realidade haja em meio a tantos bens, um que seja melhor e mais perfeito. Para tanto, nossas ações remetem-nos a um fim, mas muitas vezes nos causam um vazio que nos leva a perguntar o porquê das coisas. A resposta sempre é almejando alguma coisa, um determinado fim, então por que haver um fim último? Uma resposta muito simples, Aristóteles aponta para que a vida do indivíduo tenha sentido, é preciso que ele almeje um fim para suas ações, um propósito, uma meta, assim como os arqueiros têm diante dos olhos a sua meta, e que essa meta nos proporcione felicidade, e para isso o homem deve dar direcionamento a esse fim.

O conceito *eudaimonia*, felicidade e bem-aventurança para Aristóteles, ele as coloca como fim último, ou como o melhor dos bens, apenas nesse ponto. Em seu significado, este termo corresponde a um viver bem, ao agir bem, não é apenas a construção da felicidade.

Tais significados correspondem às coisas que vão bem para uma pessoa, pois para alcançar a *eudaimonia* é preciso alcançar sucesso em todos os aspectos,

ou seja, ela designa um modo de vida voltado para um conteúdo determinado. Aristóteles menciona três tipos de vida, um voltado para o prazer, outro para a política e também para a vida contemplativa, e ainda, Aristóteles cita no texto um breve trecho da vida como busca de lucro, que é a vida voltada para a riqueza como um meio e não como algo que se busca por si mesmo.

“A vida voltada para o prazer, buscada por aqueles que não têm formação, é criticada por Aristóteles como vida escrava” (WOLF, 2013. p. 29). Essa é uma das críticas de Aristóteles com relação ao prazer, ele a classifica como uma vida escrava, pois o prazer nos prende a um tipo de vida momentâneo, por isso não deve ser dado como um fim para a vida do homem. A vida política, segundo Aristóteles tem como fim a honra, a crítica do filósofo a esse tipo de vida corresponde que em **primeiro lugar, a honra reside naquele que presta honra**, pois a honra é compreendida no fato de ser honrado antes e querer ser honrado, porque se é bom nisso se exerce a *aretê*, que nada mais é do que o verdadeiro fim da vida política. A terceira forma de vida citada por Aristóteles é a vida da teoria, que é mais descrita no livro décimo como a suprema forma de *eudaimonia*. Enquanto homens, não podemos pensar em um bem separado do mundo, pois o bem para o homem e o que lhe satisfaz é algo adquirido aqui por meio do agir.

O conceito *eudaimonia* é colocado aqui como o melhor e mais perfeito dos bens. Aristóteles acrescenta que há uma multiplicidade de empreendimentos humanos que levam a uma vida boa e feliz, que são definidos como objetivos próprios, mas se pensar em uma diversidade de fins aos quais cada um aspira, há aqui um que se destaca entre todos, aquele que deve ser o final entre eles. Assim, podemos relatar que:

[...] a *eudaimonia* não é um fim como os inúmeros fins singulares aspirados pelos homens, mas encontra-se num outro nível. Ela é o melhor dos bens, o que opera a unidade ou a ordenação de outros bens, e não um bem entre outros, que podem ser enumerados em conjunto. Essa tese estrutural é compatível tanto com uma leitura dominante quanto com uma leitura inclusiva. Segundo a interpretação inclusiva, segue-se que a *eudaimonia* não pode ser simplesmente a soma dos bens singulares, pelo fato de tornar-se mais final pela adição de um outro bem, mas deve implicar antes uma totalidade ordenada de bens. Segundo a leitura dominante, que considera o melhor dos bens como um cume de uma ordenação gradual de fins, segue-se igualmente que a *eudaimonia* não se encontra dentro de uma série de bens subordinados (WOLF, 2013. p. 33).

Aristóteles defende que a *eudaimonia* não é um conjunto de bens que vamos adquirindo ao longo da vida, como riquezas, prazer, honra, mas um fim perfeito de todos os conceitos já pensados. O sucesso absoluto da ação humana, principalmente naquilo que é de sua competência, ou seja, o homem é feliz quando atingem seus objetivos, Aristóteles estabelece uma ligação entre o conceito de melhor dos bens com a *eudaimonia*. Uma pergunta que é muito pertinente até aqui: em que consiste a *eudaimonia*? De acordo com o pensamento aristotélico, ela não é um ente autônomo, mas um modo de vida humana, sendo assim a *eudaimonia* é algo próprio do homem, pois é determinado pelo seu modo de ser.

Para Aristóteles, o conceito de *eudaimonia* é possível encontrar quando se pergunta pelo *ergon* do homem, que é a ação dele realizada plenamente quanto a um fim último, que seja o melhor dos bens. *Ergon* é um conceito que define a atividade específica, uma tarefa ou uma função que o homem exerce ligado ao conceito de fim e bem empregado até aqui. O *ergon* é uma ação que encaminha a um próprio fim, **O *ergon* do flautista é tocar a flauta**, cabe a cada indivíduo exercer isso de modo melhor ou pior. Outro substantivo que é empregado aqui é a *aretê*, que consiste em algo virtuoso, um preparo para agir, não basta um flautista que toca a flauta, mas que a toque bem, *aretê* designa então ser bom naquilo que é competente, corresponde então a uma virtude. Para toda ação do homem, naquilo que ele quer e aspira, existe o fim nela mesmo que é o melhor dos bens, a *Eudaimonia*. O fato de sermos bons, enquanto homens levam-nos a uma ação virtuosa de querer fazer bem e ser bom.

É possível pensar também nas possibilidades de perder o prazer nas coisas que realizamos e fazê-las apenas para obter algum tipo de lucro ou benefício. Quanto a isso, quem considera fazer as coisas em troca de algum benefício, já não encontra felicidade nelas, pois para alcançar a *eudaimonia* depende exclusivamente de nós, que nos empenhamos para alcançarmos tal estado.

Aristóteles cita também outras condições para a *eudaimonia* naquilo que se refere ao indivíduo, uma delas é a *autarquia*. Para Aristóteles o homem não vive só, pois é um ser social, a vida só é boa quando também seus amigos e parentes vão bem. Outra condição para a *eudaimonia* são a saúde e a força do corpo. O homem só pode ser feliz em sociedade, quando partilha sua vida com os demais, portanto, não é possível pensar em um ser isolado, segundo a teoria de Aristóteles.

E como surge a *eudaimonia*? Aristóteles trata desta teoria explicando que a mesma surge de várias maneiras, entre elas, por meio do exercício, um presente de Deus, ou pelo acaso; outra possibilidade é pela natureza. A definição mais clara para o filósofo, é que a *eudaimonia* surgiria como atividade da *aretê* por meio do exercício, correspondendo assim à política, que tem o melhor dos fins, pois forma cidadãos para a *aretê*. Se ela surgisse do acaso, ou presente na natureza, não haveria formação e a maioria dos homens não poderia alcançá-la, pois segundo o próprio Aristóteles, apenas alcançam a *eudaimonia* aqueles que têm bons educadores.

Para os gregos, uma questão muito importante é até que ponto pode considerar alguém feliz? Isso é algo que vai variar muito, principalmente de pessoa para pessoa, pois estamos expostos a problemas, incertezas, dificuldades, entre outros. Aristóteles compara a *eudaimonia* a um camaleão, que pode modificar-se constantemente, ora somos felizes, ora, infelizes. Uma vida boa e feliz consiste em uma atividade da virtude.

A ética segue dois grandes modelos, a socrático-platônica e a aristotélica. Aristóteles como já vimos é considerado um dos fundadores do pensamento ético, tanto pelos seus escritos como pelo seu percurso filosófico. O método adotado por Aristóteles em sua investigação rejeita a teoria de Platão, pois este busca construir seu pensamento com base na reflexão de como convém viver. Esta pergunta trás consigo uma serie de questionamentos de como o homem deve agir, sua maneira de viver, o que é o certo e como o homem deve direcionar sua vida. Nos escritos esotéricos trazem reflexões sobre as virtudes e os vícios, o primeiro objetivo dessa reflexão filosófica é definir o objetivo e o método dessa investigação. Para Aristóteles o fundamento antropológico da ética e da política é que o homem é considerado um animal dotado de logos, pois este utiliza da razão e da linguagem bem como de suas paixões e declinações, para isso Aristóteles busca a finalidade das ciências teoréticas que é a contemplação da verdade.

As ciências teoréticas e *poiéticas* buscam a perfeição do objeto de investigação com o objetivo de melhores condições do agir prático, as ciências práticas convergem para a política, dentro da qual a ética está ligada a *práxis* individual e a política a *práxis* social. A política tem como finalidade a *eudaimonia*, sendo assim a política deve despertar em seus agentes um sentimento de bem estar e satisfação.

3.1 PERCURSO FILOSÓFICO

No primeiro livro da ética a Nicômaco, Aristóteles introduz a discussão sobre o bem para o homem destacando dois pontos fundamentais, a atividade e a função (*ergon*) específica do homem, bem como no segundo livro o filósofo abre a discussão sobre o método ético com ênfase na divisão das excelências, tais como a disposição teórica que nada mais é o pensamento compreensivo. Aristóteles julga este modelo chamando-o de virtude intelectual que resulta em um processo de aprendizado, já a virtude ética é um processo de habituação, ademais podemos dizer que para o filósofo é apenas através do hábito que podemos cultivar as excelências e as virtudes.

Para o bom agir das ações éticas Aristóteles acentua que o homem deve adquirir ações corretas que levaria a formação de hábitos de caráter, levando este a adquirir a virtude da sensatez ou sabedoria prática (*phronesis*). O bom comportamento, o bom agir conduzem o homem ao bem em relação a noção de justo, pois tais ações conduzem a um modo de vida particular na formação de hábitos virtuosos considerados então justos. Esse modo de vida depende de uma intensa relação entre ética e política, pois o dever da política é formar o homem bom e a boa pólis.

O eixo importante da ética Aristotélica encontra-se no livro quinto onde o filósofo discorre sobre o tema da justiça, esta que é considerada uma forma de virtude, pois se trata de um tema aplicado a justa medida. Portando a justiça seria a disposição de caráter da relação dos homens com o próximo. Vejamos no livro cinco Aristóteles classifica a justiça como a mais completa das excelências, só pelo fato de quem possui a justiça como virtude tem a capacidade de não a usar somente para si, mas também em benefício dos outros.

Neste contexto da justiça Aristóteles emprega o conceito de lei tratando este como um componente da educação que possibilita a vida em sociedade, pois se trata de um elemento que torne possível o aperfeiçoamento dos indivíduos e os tornam bons em sentido absoluto. Com isso Aristóteles questiona se a lei como forma de educação é capaz de aperfeiçoar os indivíduos tornando-os bons em sentido absoluto. Para tal o filósofo vincula a questão da educação à justiça e as leis como algo fundamental para as sociedades contemporâneas, segundo Aristóteles existem duas grandes formas de manifestação da justiça, a distributiva e a corretiva.

A justiça distributiva tem a preocupação com as distribuições de honra e riquezas, daquilo que obtém algum lucro ou benefício e é distribuído para a comunidade, essa esta ligada a uma visão mais geral de justiça. Já o modelo de justiça corretiva aplica-se na partilha de bens concretos aos indivíduos como compra e venda, empréstimos e juros, penhora e alugueis e etc. Há também as involuntárias que são consideradas ações praticadas as escondidas. Esse modelo de justiça é por tradução o termo *dikaiosyne dianemetike* que é a definição para justiça distributiva, já a justiça corretiva pela tradução *dikaiosyne diorthotike*.

Por fim, a partir do livro VI Aristóteles desenvolve as principais ideias que seguem o livro sobre a justiça que vai até o livro X. Nestes últimos livros o filósofo acentua a importância da compreensão mais completa de tudo que segue a sua ética filosófica, principalmente no que diz respeito a fundamentação da *phronesis* que é traduzida por prudência e sabedoria. Este conceito é apresentado ainda com algumas traduções distintas, além da prudência e da sabedoria como já vimos existe a tradução como sabedoria prática. De acordo com Aristóteles, a sabedoria prática está ligada a um sentido orientador, pelo fato de depender de um sentido que é mais do que um simples hábito.

Outra tradução utilizada por Aristóteles para se referir a *phronesis* é o termo sensatez, esta se refere a deliberação ou decisão correta diante das coisas boas, vantajosas naquilo que diz respeito ao bem viver. O filósofo define a sensatez como uma disposição prática em um sentido orientador e verdadeiro daquilo que é o bem e o mal para o homem. Há uma forte ligação do termo sensatez com a vida política pelo fato de ambos apresentarem a mesma disposição, pelo fato da ética aristotélica ser um componente da pólis, pois não existe uma separação do bem do indivíduo e o bem da pólis.

O livro VII traz a discussão sobre o autodomínio, para Aristóteles existem três formas de disposição de caráter que devemos evitar: a *kakia* (maldade, vício, falta de ética), a falta de autodomínio (*akrasia*) e a *bestialidade* (brutalidade). Em geral pode se dizer que o autodomínio nada mais é do que um pensamento que não se deixa contaminar pelas afeições, de certa maneira não se deixa levar pelo excesso de prazer, ou desejos desordenados, o autodomínio está ligado a excelência de caráter de temperança. Para Aristóteles “quem, ao contrário, tem domínio não só delibera corretamente, mas também age de modo correspondente, mesmo que tenha aspirações contrárias” (WOLF, 2013, p. 171).

O livro VIII apresenta a amizade como ponto de grande relevância da ética aristotélica, principalmente no que diz a justiça pelo fato da amizade manter unidas as comunidades dentro dos estados. A grande preocupação dos estados era manter a verdadeira concórdia, que é a mesma coisa de amizade, evitando assim possíveis discórdias e o ódio dentro das comunidades.

Aristóteles define a amizade de três formas: baseada no prazer, na utilidade e a baseada na excelência. O filósofo deixa claro que a melhor forma de amizade está fundamentada na excelência estabelecida entre homens de bem, pois esta tem relação com a própria concepção da ética aristotélica, esse tipo de amizade aponta para a igualdade de bem para todos. Assim:

O bem-querer não pode permanecer oculto se queremos falar de amizade. O bem-querer mútuo, o querer-se bem, é o *telos* da amizade, aquilo a que objetivam as ações da amizade (WOLF, 2013, p. 226, grifo do autor).

Os outros tipos de amizade são constituídos de laços sociais na busca de vantagens e o prazer próprio, nesse tipo de relação o outro é visto apenas como um meio para obter alguma vantagem, como a do prazer e da utilidade. “Para Aristóteles, o tipo perfeito de amizade pressupõe igualdade na *aretê* ética, e isso significa, em última instância, igualdade no ser pessoal” (WOLF, 2013, p. 230).

No livro IX, Aristóteles faz a transição final de toda a sua ética e introduz o livro X que vai discutir sobre o prazer e a felicidade retomando a ideia do livro I sobre o *ergon* do ser humano. Aqui a felicidade é vista em sua completude máxima, para Aristóteles a capacidade de conhecer o universal e o particular enquanto atividade contemplativa seria está a síntese de toda felicidade suprema que define o ser humano.

3.2 INFLUÊNCIAS E ATUAÇÕES POLÍTICO-FILOSÓFICAS

A ética aristotélica representa uma grande contribuição para a Filosofia política, pelo fato de estar preocupado com a constituição dos indivíduos e suas relações com a comunidade (pólis), sempre na efetivação do bem comum. No livro V Aristóteles aponta a ideia de justiça, que é a garantia do bem comum em sua totalidade, através das normas e leis. Sendo assim o justo é aquele que possui a *aretê* completa, pois as leis e a justiça garantem o bem comum da polis. “como

formula Aristóteles, na medida em que é uma *aretê* particular, a justiça é um “bem alheio”; quem age justamente faz o que é conveniente a um outro” (WOLF, 2013, p. 100, grifo do autor).

O método ético utilizado por Aristóteles, o do saber da *tekhné*, é o único modelo de saber prático utilizado para algumas definições encontrado no segundo livro da *Ética a Nicômaco*. Em um primeiro momento, esse método é aplicado à política, o qual destaca que a função desta é **edificar o homem bom e a boa pólis**; antes de tudo o político deve inteirar-se sobre o que é o homem bom, para assim poder formar os cidadãos. No mais, o educador precisa inteirar-se em que consiste a bondade, refletindo o que é bom para sua vida e o que é bom para a formação do estado. Aristóteles parte do pensamento de que para uma boa sociedade formada é preciso saber o que é justo e útil para os homens. Assim, “Uma boa pólis é aquela que garante o bem para a pólis em seu todo, e assim também para cada indivíduo” (WOLF, 2013, p. 101).

Suas influências e atuações político filosófica mostram a necessidade do homem em viver em comunidade, a tese aristotélica mostra que o ser humano deve está inserido na pólis, pois este que vive fora da cidade é considerado um ser desgraçado (animal) ou está acima da humanidade (Deus). No livro IX sobre a amizade Aristóteles destaca que para o homem ser feliz é necessário que este venha a ter uma convivência com os seus semelhantes, estabeleça relações com o outro afim de um compartilhamento social. Isso é algo que acontece naturalmente, pois o homem é um ser político e está na sua natureza viver em sociedade, por isso Aristóteles define o homem como animal político, ou seja, *zoonpolitikon*.

O homem enquanto ser político busca em suas ações e atividades dar um direcionamento para sua vida e para a vida da comunidade. O campo da ação humana tem como objetivo a criação de leis e normas para que seus indivíduos possam viver de forma digna e justa sempre tendo em vista uma vida boa e feliz, e assim garantir os direitos do estado e a vida boa da comunidade.

Para um bom ordenamento da pólis, os membros antes de tudo devem constituir uma organização política de cidades livres e iguais, fazendo com que a pólis tenha um sentido de pertencimento comunitário. Outro aspecto importante na Filosofia política aristotélica é que não podemos considerar o homem um simples portador de uma espécie de sociabilidade, que apenas partilha suas experiências com outras espécies, mas que retrata a ideia de um ser que possui a capacidade

discursiva, que usa da linguagem com outros homens para estabelecer fins comuns. No que diz respeito sobre a sociabilidade comunitária, é conveniente ao homem viver com base na justiça e na amizade, é isso que faz este viver de acordo com as virtudes éticas - políticas.

Por fim um aspecto importante é o homem em sua autossuficiência as discussões aqui giram em torno de que se o bem supremo que a cidade deve realizar é o mesmo para o indivíduo de acordo que o modo de vida seja sempre o mais digno de ser escolhido para todos, ou seja, o modo de vida que o indivíduo escolhe para si coincide ou não com a vida que ele leva em comunidade. Para Aristóteles é possível levar uma vida perfeita que vale tanto para o indivíduo como para a comunidade, mas o filósofo deixa claro que ambas devem ser perfeitas, tanto para o estado como para os homens, sempre agindo coletivamente.

A Filosofia ética política tem como prioridade o pensamento sobre o justo, sobre aquilo que é bom e torna a vida feliz e agradável. Existe uma preocupação por parte do liberalismo no que diz respeito à autonomia do indivíduo e os direitos humanos. O pensamento político de Aristóteles diz que o indivíduo tem a liberdade de escolher o bem que julga ser melhor para si, sendo assim o liberalismo defende a ideia de que o indivíduo é juiz de seus fins, interesses e ações, com isso a sociedade tem por objetivo a vida boa e a felicidade de seus membros. O liberalismo defende a pluralidade das concepções de bem, caracterizada pelas diversas formas de doutrinas morais, filosóficas e religiosas sempre buscando resguardar os interesses de todos na sociedade.

Aristóteles defende o princípio que as pessoas devem desenvolver um sentido ético político de pertencimento e de integração em uma forma social mais abrangente, buscando estabelecer fins comuns que contribuam para o crescimento individual e comunitário. Segundo o filósofo o indivíduo não pode ser pensado de forma isolada do restante do mundo, pois o homem sendo considerado um animal político que vive em sociedade, este deve ser capaz de avaliar e julgar bem o que é bom para si e para a comunidade.

Por fim, a questão básica de Aristóteles acerca das suas atuações político-filosóficas busca saber com é a melhor forma de vida, a mais adequada para o homem, principalmente para os outros enquanto comunidade. O homem esta ligado a uma comunidade e é ali que este propicia para o bem viver e sua felicidade. Sendo assim, a sabedoria prática, a justiça e a amizade são estas consideradas virtudes

morais que adquirem um sentido comunitário, principalmente no ponto de vista político no qual o cidadão virtuoso junto com toda comunidade deve buscar a sua autossuficiência no ideal ético das virtudes.

4 O MÉTODO ÉTICO E A REALIZAÇÃO DA VIRTUDE

No livro a *Ética a Nicômaco* principal referencial deste trabalho o filósofo estagirita procurou responder as seguintes perguntas: quais os verdadeiros bens da vida e como podemos classificá-los? Como devemos viver? Existem muitas maneiras de responder e classificar estes bens para a vida do homem, mas de acordo com a tradição ética os verdadeiros bens da vida são aqueles que trazem a verdadeira *eudaimonia*, o mais perfeito e melhor dos bens.

A ética enquanto ciência prática não busca investigar a virtude em si, mas, a virtude enquanto fonte da felicidade. Ao longo de sua obra Aristóteles empreende o estudo das virtudes dividindo em duas partes: as virtudes éticas (morais) e as virtudes *dianoéticas* (intelectuais). As virtudes éticas são concebidas como mediania (meio - justo), para Aristóteles as condições de virtude são a voluntariedade, a deliberação, escolha e a responsabilidade, sendo a justiça a principal virtude ética. A filosofia, as artes e a sabedoria prática são consideradas virtudes *dianoéticas*. Elas são definidas em duas espécies. São elas:

a intelectual e a moral. A primeira deve, em grande parte, sua geração e crescimento ao ensino, e por isso requer experiência e tempo; ao passo que a virtude moral é adquirida em resultado do hábito (...). É evidente, pois, que nenhuma das virtudes morais surge em nós por natureza, visto que nada que existe por natureza pode ser alterado pelo hábito (ARISTÓTELES, 2003, p. 40, grifo do autor).

Em sua ética filosófica Aristóteles divide a alma em duas partes, sendo que uma é a parte irracional que é caracterizada por não respeitar regras, esta parte da alma se subdivide, em uma parte puramente vegetativa, esta é incapaz de qualquer ação virtuosa e a outra parte é apetitiva, que de certa forma participa da parte racional. A segunda parte da alma, Aristóteles a chama de parte racional pelo fato desta obedecer às regras. Nesta parte da alma podemos dizer que se encontra a virtude, nela pois está subdividindo-se em duas espécies: são as virtudes do entendimento, que esta direcionada para a parte racional propriamente dita, e a outra é a realiza-se de acordo com a parte apetitiva.

Entre as virtudes éticas e *dianoéticas* existe uma diferença, as éticas são adquiridas pelo hábito, com isso existe uma superação do intelectualismo platônico no qual defende que o conhecimento da virtude por si só fazia o homem virtuoso. Já as virtudes *dianoéticas* são adquiridas pelo fruto do ensinamento.

O livro V da *Ética a Nicômaco* trata da justiça, a principal virtude ética, que segundo Pe. Vaz 2006 “constitui, sem dúvidas, um dos textos fundadores de toda a reflexão ocidental sobre Moral e Direito” (VAZ, 2006, p. 124). Na teoria da justiça, Aristóteles acrescenta que para ele, a justiça é um meio termo. O ato justo está situado entre dois extremos: o excesso e a carência. Para Aristóteles o ato justo concretiza-se de modo universal que também é conhecido como justo total, em síntese podemos dizer que a justiça consiste em fazer e desejar atos justos, caso o contrário isso resulta em uma injustiça, portanto a justiça de acordo com a lei deve sempre prevalecer o bem comum.

De acordo com Aristóteles a justiça é a forma perfeita da excelência da moral, pelo fato das pessoas que praticam a justiça podem praticá-las não somente em relação a si mesma, mas também em relação ao próximo. Sendo assim entendemos a justiça como um ato perfeito da excelência da moral é uma virtude que tem por objeto beneficiar o outro.

Na ética aristotélica existe uma distinção entre excelência moral e justiça. A justiça como já vimos é uma virtude direcionada ao próximo sempre motivada e condicionada na qual não existe fronteiras de algum interesse. Já a excelência da moral não é motivada por interesses externos, pois aproxima-se da moralidade em Kant que defende a ação boa por si mesma e tudo é fruto do comando da reta razão, portanto a justiça universal é a conformidade com a lei natural.

Aristóteles ainda apresenta dois tipos de justiça em sentido mais estrito. A primeira justiça distributiva, que está ligado a distribuição de funções, dinheiro, cargos e etc. Esse tipo de justiça está subordinado numa relação entre governante e governado. A outra forma de justiça é a corretiva, essa se dá entre pessoas privadas numa relação de coordenação, igualdade baseada em critérios objetivos.

A ideia de justo na justiça distributiva parte do pressuposto do meio-termo entre dois extremos. Na justiça distributiva aquilo que é justo deve ser proporcional. Uma outra espécie de justiça é a particular corretiva que esta presente na relação entre indivíduos particulares, enquanto a justiça distributiva é uma distribuição de cargos e funções, por outro lado a justiça corretiva é uma relação de natureza contratual voluntária. Para Aristóteles, a justiça corretiva nada mais é que o meio termo entre o maior e o menor, ou seja, é o meio termo entre a perda e o ganho. Para entender melhor a ideia do meio-termo, o filósofo ateniense destaca que o justo é em certo sentido meio-termo para se alcançar à verdadeira *eudaimonia*.

Para a Filosofia, a *eudaimonia* é compreendida como atividade do homem, assim o próprio Aristóteles acentua que o método de investigação ética não objetiva um mero conhecimento dos nexos éticos, mas a ação, com isso o bem agir provém da *aretê*, da bondade de caráter, pois segundo o próprio Aristóteles, não é possível ter um saber prático sem um bom caráter.

Para o filósofo, só podemos chegar à felicidade por meio da virtude, ele próprio nos mostra que as atividades virtuosas nos conduzem à felicidade. Mas como podemos adquirir a virtude? Aristóteles acrescenta, de maneira bem clara e objetiva, que podemos adquiri-la através dos hábitos e aptidões, buscando sempre a mediania das nossas ações, pois os hábitos podem nos conduzir tanto para o bom preparo quanto para o mau. Podemos ter hábitos bons como tocar violino e só podemos adquiri-lo através do exercício dessa atividade, como também maus hábitos, exemplo, a má alimentação. Com isso entendemos que para ser virtuoso é preciso ser justo, e a justiça é uma relação com o meio termo, e a injustiça refere-se a carência e o excesso.

Segundo Aristóteles, todos nós desenvolvemos aptidões para alguma coisa, e com isso devemos sempre buscar o meio termo para tais aptidões. Temos aptidões principalmente para sentir medo ou coragem, essas nos levam a afeições diante de algumas situações. Aqueles que adquirem aptidões para a coragem desenvolvem a *aretê* ética da coragem; já aqueles que têm aptidão à covardia desenvolvem aquilo que o filósofo chama de *kakia*, que significa maldade, vício, falha ética, ou seja, a covardia. Para compreender a natureza da felicidade é preciso, antes, compreender a natureza das virtudes, pois os vícios enfraquecem a ação virtuosa, uma vez que os vícios não constituem felicidade, e desviam o homem do objetivo, mas aquele que pratica ações conforme a virtude está feliz por toda vida.

No que diz a respeito às afecções, Aristóteles indica que estas surgem de tudo aquilo que segue ao prazer e desprazer. As afecções são consideradas partes constitutivas da faculdade dos apetites e desejos, alguns exemplos dessas afecções como a raiva, a inveja, o amor e a compaixão, aqui mencionados, estão ligadas, muitas vezes, à nossa relação com as outras pessoas. Emoções como essas afetam, tanto positivamente como negativamente o nosso estado de felicidade. Um caso muito comum é a ira, quando estamos tomados de raiva acabamos prejudicando diretamente nosso estado emocional, gerando um desprazer, que ocasiona sentimento de vingança, e isso prejudica nosso estado emocional, o que é

muito significativo para a vida e o bem viver. Sentimentos negativos acometidos de algo ruim causam em nosso estado de *eudaimonia* um verdadeiro desprazer.

Para estados e emoções que a vida nos acarreta, Aristóteles desenvolve a doutrina do meio termo, que volto a mencionar neste trecho explicando com mais clareza do que se trata. Relativamente, o meio termo é a boa execução das nossas atividades, nas quais devemos buscar entre o muito e o pouco. Nos hábitos e aptidões é preciso que o homem busque também um meio termo, pois é comum alguém habituar-se a alegria e sofrimento diante de algumas situações, e o mesmo realizar ações corretas quando se está feliz, e ações ruins quando se está com raiva.

Podemos perceber que a virtude está ligada estreitamente com os prazeres e com as nossas ações, por exemplo, quem busca o prazer sensível e não renuncia a nenhum prazer torna-se imoderado, já aquele que não frui de nenhum prazer torna-se insensível. A insensibilidade e a imoderação são atos extremos da maldade, nisso devemos buscar a *aretê* voltada para o prazer sensível que tende ao meio termo, que é a medida correta. Isso vale também para a afecção do medo, aquele que considera tudo perigoso é considerado covarde, já aquele que nada teme é considerado temerário, com isso Aristóteles define, sendo ela uma mediania entre dois termos. Diante de tais conceitos estabelecidos por Aristóteles, como compreender a ideia do meio termo? Por esse raciocínio, o meio termo entre dois extremos, ocorre na fruição desse pensamento. É de suma necessidade que, para atingir com precisão o que é correto, antes é preciso manter-se longe dos extremos. Para Aristóteles, muitos homens não sabem o que é bom fazer, e não sabem qual a maneira correta de agir, vivendo sob impulsos momentâneos.

Aristóteles aconselha que devemos nos cuidar, pois é difícil atingir com precisão aquilo que é correto, guardando-nos dos sentimentos de prazer que nos levam a ações injustas, pois o que é importante aqui não é se habituar das coisas, mas promover o exercício correto delas. Já em uma situação de perigo, somos tomados pelo medo, no qual tememos as coisas e isso atrapalha nosso agir perante as mesmas. Afecções que sentimos com intensidade, como o medo, vêm acompanhadas de um desprazer, afetando completamente nosso estado de tranquilidade e assim prejudicando nosso estado de *eudaimonia*. Aristóteles acentua em seu livro, que precisamos buscar o meio termo até nos momentos em que somos acometidos por situações de perigo de vida, quando é preciso buscar uma ação

desejável e corajosa para enfrentarmos essas situações. Ao alcançarmos esse meio termo significa que essa ação contribuiu para o bem-estar e a tranquilidade, sabendo que nesse caso não é fácil, mas é preciso, pois a ação corajosa é uma forma virtuosa de se alcançar a *eudaimonia*.

O comportamento com respeito à coragem nos ajuda, sobretudo, nos momentos de perigo de morte, esse é o meio termo entre o medo e a confiança. Há alguns males que podemos chamá-los de desonra, pois nos causam uma má ação, e esses devemos evitá-los, devemos buscar ações virtuosas para evitar desonras. Para Aristóteles, a coragem refere-se à superação dos maiores medos, principalmente em situações que chamamos de **nobres**, por exemplo, a morte na guerra é considerada honrosa. Situações como a morte, e também podemos destacar aqui a falta de saúde e a pobreza, essas devemos de ter confiança, sendo que a falta dela significa um desprazer, a coragem é o meio mais apropriado da realização da *eudaimonia* nessa situação. Para esses medos, Aristóteles define um conceito chamado *Kalon*, que é uma definição motivadora para resistir ao medo diante dos perigos. Esse conceito vale também para aqueles que agem de forma correta, esses são considerados os que possuem uma *eudaimonia* perfeita, pois agem de maneira prazerosa e desejável pelos demais. Segundo o próprio Aristóteles, não é um sinal virtuoso aquele que morre para fugir de um mal, por exemplo, a pobreza ou uma paixão desenfreada, pois toda ação deve resultar em um fim perfeito, uma ação boa. Em um contexto mais amplo, a coragem pode ser entendida como persistência e perseverança para alcançarmos nossos objetivos.

Para toda ação virtuosa, aquele que possui a moderação e tende a realizar ações corretas alegrando-se com elas, principalmente aqueles que possuem grandes riquezas, Aristóteles diz que o dinheiro é um reto comportamento naquilo que ganhamos e como o empregamos. Para isso, é empregado o conceito de magnanimidade, que é a postura correta com relação aos bens, por fim, quem porta-se desse modo é digno de honra. Aquele que age corretamente atinge a perfeição da alma, o que Aristóteles chama de virtude **dianoética**, principalmente aqueles que usam da sabedoria para dirigir bem suas vidas, esses alcançarão a felicidade máxima. Reale e Antiseri definem sabedoria como:

Sabedoria (*phrónesis*) àquela virtude a qual cumpre discernir os meios idôneos segundo os quais podemos alcançar fins verdadeiros no que tange às nossas ações. Ora, segundo o filósofo, esta virtude não se confunde

com as virtudes éticas, pois, se a estas últimas cabe a consideração dos fins verdadeiros, à sabedoria cumpre discernir os meios conducentes para se alcançar estes fins: “A obra humana cumpre-se através da sabedoria e da virtude ética: de fato, a virtude torna reto o fim, enquanto a sabedoria torna retos os meios”. Por conta disso, Aristóteles avalia que, nem a sabedoria pode existir sem as virtudes éticas, uma vez que não poderia indicar os meios sem o conhecimento do fim fornecido por elas, nem as virtudes poderiam existir sem a sabedoria, visto que o fim à qual aderissem não seria alcançável, nem executável pela ação sem o devido conhecimento dos meios, o qual procede da sabedoria: não é possível ser virtuoso sem a sabedoria, nem ser sábio sem a virtude ética (REALE; ANTISERI, 1994, p. 25, grifo dos autores).

Todo homem que usa de sua sabedoria para praticar algo de bom, que usa do intelecto para o bem, Aristóteles considera que há algo de divino nessa pessoa, pois ali existe uma atividade de Deus, esse alcança a felicidade completa. Aqueles que praticam o bem ou realizam uma ação virtuosa devem ater-se para o seguinte problema, uma coisa é quem conhece o bem, mas não o põe em prática, outra é conhecê-lo e colocá-lo em prática. Portanto, para ser bom é preciso querer, **um querer verdadeiro, e não aparente**, apenas o homem virtuoso pode realizá-lo. Para Aristóteles, o homem virtuoso é capaz de enxergar o bem e o bom de forma verdadeira.

Voltando aqui à questão central do livro *Ética a Nicômaco* em que trata a *eudaimonia* como o melhor e o mais perfeito dos bens, no livro X, Aristóteles a define como atividade da alma de acordo com a *aretê*. O filósofo começa definindo o seu caráter, e o próprio exclui aquilo que é agradável, pois não a constitui. Para ele a *eudaimonia* é uma atividade realizável, que possui uma energia de acordo com sua busca, através do que é belo e desejável. Outra parte que Aristóteles cita no texto e que nos ajuda a compreender a *eudaimonia*, é que ela não consiste em um jogo ou diversão. Para o filósofo, esta é uma atividade de acordo com uma *aretê* suprema, o bem para o homem é a atividade perfeita dela, é aquilo que há de melhor em nós. De maneira clara e objetiva, a *eudaimonia* é aquilo que existe de melhor em nós, para Aristóteles o melhor dos bens tem caráter **final e autônomo**. Segundo ele, a *eudaimonia* consiste em um modo de vida completo, em que nada falta, e que a pessoa não depende de bens exteriores, é aí que se encontra a felicidade do homem, na realização de sua vida de acordo com a sua ação virtuosa.

Para compreender melhor a natureza das virtudes Aristóteles argumenta que esta é uma atividade da alma, pois falar em virtude refere-se ao bom caráter do homem. Podemos dizer que o homem é calmo, amável ou temperante, mas

louvamos o homem sábio com uma boa disposição de espírito, aí se encontra a sua virtude. O homem virtuoso busca adquiri-la através da experiência, sempre exercitando sua atividade para garantir a perfeição. E com a força do hábito que este busca a melhor condição de caráter (disposição moral) para evitar a deficiência e o excesso, segundo Aristóteles a prática excessiva do exercício ou a falta dele prejudicam o vigor da pessoa, o mesmo vale para os alimentos, a coragem e o prazer, todos devem ter a justa medida sem pecar pela falta ou excesso.

Aristóteles destaca que as virtudes estão relacionadas às ações e as paixões, e cada uma é acompanhada por um prazer ou sofrimento, e é por conta disso que muitos se tornam maus, pelo fato de não saber lidar com esses tipos de situação, uns buscam o prazer outros se desvencilham deles. O caminho para se chegar a felicidade é a virtude, pois ser virtuoso significa saber medir as coisas e fazer as escolhas certas. Através da ideia do meio-termo Aristóteles define a virtude como uma disposição de caráter relacionada com as paixões e ações, isso consiste numa mediania relativa a nós, que é determinada por um princípio racional que é próprio do homem datado de sabedoria prática. Existem algumas ações que segundo Aristóteles não há meio-termo, tais como as paixões ou ações, pois existe uma maldade aplicada em si, ou seja, já estão acometidas por alguma maldade, como o desejo, o despudor, o adultério, o roubo e o assassinato.

Para Aristóteles se conquista a felicidade pelas ações virtuosas, e esta deve ser adquirida pelo homem. A felicidade verdadeira é conquistada pela virtude, o ser do homem é uma substância composta: corpo material e alma espiritual. O corpo está sujeito a paixões, já a alma deve desenvolver bons hábitos. Mas para o homem ser verdadeiramente virtuoso é preciso ser bom e jamais cometer más ações voluntariamente, com isso definimos o homem virtuoso que é aquele que sempre pratica boas ações, portanto o pensamento do homem bom está sempre voltado para aquilo que é nobre e virtuoso.

Bem como já vimos à felicidade é um exercício perfeito da virtude, mas pensar em felicidade segundo a Filosofia de Aristóteles não parece ser algo tão simples assim, exige do homem um exercício de querer e buscar a felicidade perfeita. O sumo bem é o exercício da felicidade em querer busca lá por si mesma acima de qualquer outra coisa. Aristóteles descreve a felicidade como um bem autossuficiente e absoluto, que não possui carência e é algo mais desejável dentre todos os bens. Para entender melhor o que é a felicidade é preciso identificar qual é

a função do homem e das coisas que são próprias dele, que fazem parte da excelência humana.

A função que o homem exerce ao longo de sua vida deve ser boa em relação com os outros e consigo mesmo. Sendo assim “o bem do homem vem a ser a atividade da alma em consonância com a virtude, e se há mais de uma virtude, em consonância com a melhor e mais completa entre elas” (ARISTÓTELES, 2003. p. 27). Para se conquistar as coisas nobres e boas da vida é preciso que o homem aja retamente, portanto se o que é bom na vida de um homem é a sua virtude, este deverá sempre agir conforme a mesma para ser bom. Aquele que consegue suportar todas as dificuldades da vida com dignidade, sem prejudicar ao seu semelhante este é considerado verdadeiramente bom e sábio, pois realiza sua felicidade da maneira justa e correta.

A partir da atividade contemplativa buscamos a felicidade nas coisas em si mesma, muitos pensam que a felicidade esta ligada a bens exteriores, como o lazer por exemplo. Mas a finalidade da felicidade está na atividade racional que é superior e tem maior validade contemplativa sem visar nenhum outro fim a não ser ela mesma, a felicidade trás consigo o seu próprio prazer.

Aristóteles é um grande detentor da felicidade plena, por ser esta a busca da contemplação da verdade em sua vida. Para o estagirita a felicidade é uma verdadeira contemplação do bem, apenas aqueles que exercem a atividade contemplativa podem desfrutar da verdadeira felicidade. Para aqueles que buscam a felicidade através da contemplação ainda lhes é necessário outros bens, existem aqueles que não podemos excluir de nossas vidas, precisamos de alguns bens exteriores, “a felicidade necessita igualmente dos bens exteriores, pois é impossível, ou pelo menos não é fácil, praticar ações nobres sem os devidos meios” (ARISTÓTELES, 2003. p. 30). O homem virtuoso que quer ser feliz tem a necessidade de outros bens para que a felicidade possa ser completa, por exemplo: um corpo saudável, ter uma boa alimentação e os devidos cuidados para evitar males e doenças.

Como já foi definida pela sua prática, a felicidade para Aristóteles é a arte de viver bem por meio da realização da virtude, buscando manter uma ordem na vida para assim atingir o fim supremo, que é a felicidade perfeita, o sumo bem. Para isso são necessárias três coisas essenciais que são a sabedoria, a virtude e o prazer. Mas o principal mesmo é ser sábio, pois a sabedoria é adquirida pelo espírito e pela

contemplação, é a partir da sabedoria que fluem todos os outros bens inclusive a virtude. Para ser feliz o homem não necessita de muito, basta ser sábio e agir conforme a sua virtude que é à base de toda felicidade humana.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de tudo o que foi exposto, seguindo bem de perto o pensamento aristotélico sobre a felicidade e os bons costumes, assunto tão importante para nós, seres humanos, tratado no livro *Ética a Nicômaco*, principal referencial teórico desta pesquisa, a felicidade consiste em uma vida dedicada a ações virtuosas. Não é simplesmente a realização de nossos desejos, mas o cumprimento de nossas ações e o alcance perfeito de nossas metas. Ser feliz não consiste apenas na posse de bens, obtenção de riquezas, mas em uma vida contemplativa e realizável, pautada em boas ações conforme a virtude. Não podemos negar que os bens materiais, as riquezas sejam meios que nos proporcionam certa felicidade, mas é preciso buscar a mediania entre os extremos, nem muito, mas também nem pouco. Saber a medida certa das coisas da vida é considerado algo virtuoso.

O homem feliz é capaz de saber quando sua ação é virtuosa, que faz bem para si e para o próximo, sabe que a felicidade consiste em um agir correto e tem um pensamento politicamente ético, pois pensa no melhor para a pólis, onde vai realizar suas ações. Aquele que faz o bem, e conhece o que é bom, é feliz e usa isso com sabedoria. O homem sábio não é aquele que sabe tudo, mas sim, aquele que sabe agir corretamente de forma virtuosa, usa de sua sabedoria até mesmo em perigo de morte e põe em prática toda sua confiança para atingir o que é bom e desejável.

Sendo assim, ser feliz nada mais é do que agir com sabedoria e de forma virtuosa. Não é algo de outro mundo, que parece ser inalcançável aos olhos humanos. Todos podem sentir o prazer de ser feliz mesmo diante dos problemas, pois aquele que é realmente feliz é capaz de superar com sabedoria as incertezas da vida e desfrutar dela como um homem que age, pensa e acima de tudo, entende o verdadeiro sentido da vida. Por fim, o livro *Ética a Nicômaco* nos oferece meios para uma vida boa e feliz agindo conforme a virtude, segundo o pensamento de Aristóteles.

Posto isso, este trabalho de conclusão de curso teve por temática discutir e refletir sobre os conceitos de felicidade e virtude na obra acima citada. Para efetuar essa proposta, foi feita uma pesquisa bibliográfica de obras do próprio filósofo, assim como de historiadores da filosofia, comentadores, artigos e trabalhos que coadunam com essa temática.

Assim, na primeira seção foi apresentado o contexto histórico- social da cidade-estado na Grécia antiga. Nesta seção fiz uma breve apresentação do filósofo, suas principais obras e contribuições para a formação do cidadão ateniense. Em sua Filosofia Aristóteles se preocupa muito com a formação e os bons costumes. Foi na escola de Platão que Aristóteles desenvolveu e aprofundou suas principais ideias, após a morte de seu mestre, o estagirita buscou caminhar sozinho e assim após um período de experiência fundou sua própria escola, isso se dá após um período dedicado a formação de Alexandre, filho de Felipe da Macedônia. No Liceu, Aristóteles se dedica ao aperfeiçoamento de seus estudos, principalmente aos escritos do *Corpus aristotelicum* que tanto contribuiu para a formação do estado ateniense. Muitos dos escritos de Aristóteles foram voltados para a área das ciências humanas, principalmente no que diz respeito acerca do bem, da ética e da política. Por fim, esta seção faz uma breve apresentação do que Aristóteles compreende sobre a felicidade, assunto presente na obra *Ética A Nicômaco* que faz ser tratado nas seções seguintes deste trabalho de pesquisa.

Na seção seguinte foi trabalhado o principal referencial teórico do pensamento de Aristóteles, o seu percurso filosófico, suas influências e atuações político- filosóficas. Esta seção tem por objetivo a introdução do pensamento de Aristóteles sobre virtude e felicidade. De início foi desenvolvido as principais questões que levam o homem a ser feliz de acordo com uma vida virtuosa, de como o homem deve se colocar diante de determinadas situações e como este deve agir perante a pólis e aos demais. Tendo como principal referencial e a base desta pesquisa o livro *Ética a Nicômaco* que ao longo desta seção foi descrito suas principais ideias percorrendo os dez livros da obra fazendo um caminho que conduz o homem a uma vida feliz e virtuosa, e como o pensamento de Aristóteles e suas influências político-filosóficas levam o homem neste caminho.

Por fim, na última seção deste trabalho foi desenvolvido o método ético utilizado por Aristóteles para a realização da virtude. Nesta seção foi destacado como o homem deve agir perante algumas situações cotidianas da vida, com ênfase nos conceitos de virtude e felicidade. Para se chegar à felicidade, que é o melhor dos bens da vida humana, o homem necessita agir conforme a virtude, sempre buscando a mediania entre os extremos. De fato, Aristóteles faz uma investigação a respeito destes conceitos que devem ser trabalhados em cada indivíduo para que

este cresça e possa desenvolver o hábito da atividade virtuosa consigo e com os integrantes da pólis.

Este trabalho conforme já foi dito, traz uma reflexão sobre os conceitos de virtude e felicidade presentes na obra *Ética a Nicômaco*, Aristóteles não quer apenas ensinar um modo de vida, mas se o homem deseja trilhar um caminho de uma vida boa e feliz, vale a pena fazer uma reflexão dos conceitos aqui apresentados pelo filósofo, pois estes nos conduzem a uma vida pautada nas ações virtuosas que são um caminho para a felicidade.

REFERÊNCIAS

- ADELINO, José Francisco dos Santos. **Acerca da Felicidade no livro I da Ética a Nicômaco de Aristóteles**. 2016. 21 f. Trabalho de conclusão de curso (graduação em Filosofia) - Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2016.
- ALIGHIERI, Dante. **A Divina Comédia**. 4 ed. Trad. Cristiano Martins. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia 1984.
- _____. **Obras Completas**. v.1. São Paulo: Editora das Américas, 1958.
- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. São Paulo: Martin Claret, 2003.
- _____. **Vida e Obra**. Coleção os Pensadores. São Paulo: Nova cultura, 1996.
- BARNES, Jonathan. **Aristóteles**. 2 ed. São Paulo: Loyola, 1996.
- EUDAIMONIA. In: AUDI, Robert. **Dicionário de Filosofia**. Tradução João Paixão Neto; Edwino Aloysius Royer et al. São Paulo: Paulus, 2006, p. 308.
- REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da Filosofia: Antiguidade e Idade Média**. São Paulo: Paulus, 1990.
- VAZ, Henrique Cláudio de Lima. **Escrito de Filosofia IV: Introdução à Ética Filosófica I**. São Paulo: Loyola, 2006.
- WOLF, Ursula. **A ética a Nicômaco de Aristóteles**. 2 Ed. Tradução. Enio Paulo Giachini. São Paulo: Loyola, 2013.